

A Indústria Conserveira em Olhão: Perspetiva das Operárias enquanto Mulheres



Desde dos seus primórdios que Olhão é uma terra ligada ao mar, vivendo a maioria da sua população das atividades piscatórias. Olhão foi outrora um meio piscatório e conserveiro de excelência, sendo que estas duas atividades garantiram muitos postos de trabalho para a população. Pois a pesca em conjunto com as conservas de peixe foram as indústrias mais relevantes de Olhão, chegando este burgo a ser o segundo local do país com maior número de fábricas, tornando-se num

importante Centro Industrial e Comercial.

Os Centros Industriais começaram a ser instalados no Algarve a partir de 1880. Devido á escassez de sardinha nas costas da Bretanha, foram vários os conserveiros franceses que vieram para o Algarve entre 1880 e 1882, instalando aqui as suas fábricas, graças á abundância de peixe no litoral algarvio. A primeira fábrica de conservas surgiu em Olhão em 1881, sendo fundada pela firma francesa Établissements F. Delory e conhecida por Fábrica Velha da Madame Massé. Foram também muitos os Espanhóis e Italianos que vieram para Olhão, implementando aqui as suas indústrias e criando emprego para os habitantes desta localidade e dos seus arredores.

A instalação da indústria conserveira em Olhão contribuiu muito para o desenvolvimento da Vila, tornando-a atrativa não só para os estrangeiros e populações vizinhas mas também para portugueses de outros centros fabris do país. Teve ainda outras consequências, nomeadamente o progresso económico e comercial de Olhão, o desenvolvimento e industrialização da pesca local, a incrementação da construção naval, o aumento do tráfego portuário e o crescimento da população.

A entrada de Portugal na Primeira Grande Guerra teve repercussões por todo o país verificando-se agitação social e política, no entanto foi neste período que se iniciou um grande desenvolvimento industrial. Em 1930 a indústria conserveira já era uma relevante fonte de rendimento, que assegurava muitos postos de trabalho. Sendo que nesta altura procedeu-se á sua organização, de modo a disciplina-la e torna-la de maior qualidade. Uma das medidas tomadas foi a obrigatoriedade para todos os operários de possuírem um livrete para poderem trabalhar. Para

além disso, em 1934 foi criado o Consórcio Português de Conservas de Peixe, passando a exercer a sua ação em tudo o que se relacionava com a produção, fiscalizando a fabricação de modo a garantir a qualidade das conservas. Estabelecendo assim os pilares da organização corporativa da indústria. Este Consórcio ao longo do tempo foi sofrendo várias alterações, nomeadamente a nível de estrutura, organização e denominação, sendo hoje a Direção Geral das Pescas e Aquacultura. Apesar de terem sido tomadas algumas medidas no sentido de instituir esta indústria, os operários conserveiros continuaram a ser uma classe cujos direitos e benefícios eram praticamente inexistentes. A indústria conserveira era um setor que albergava muitas mulheres, obrigando-as a passar o dia inteiro fora de casa e impedindo-as deste modo de cuidarem dos filhos, o que originou o aparecimento das chamadas "Escolinhas", que faziam o papel dos atuais infantários. Para além disso no que toca à área da educação podiam contar com o apoio do Sindicato, que possuía uma escola que se destinava aos filhos das operárias, sendo esta uma das suas únicas regalias.

Em 1938 os maiores compradores das conservas portuguesas eram a Inglaterra, a Alemanha e a França, confirmando-se este facto com o estalar da Segunda Guerra Mundial. Uma vez que a neutralidade de Portugal contribuiu para o crescimento da nossa indústria, sendo a prosperidade de tal forma que a receita da contribuição industrial aumentou imenso. Entre a década de 30 e 40, Olhão atingiu o seu expoente a nível económico. No final da guerra e mesmo na década de 50 as perspetivas continuavam a ser boas, a pesca era abundante e a indústria conserveira não tinha dificuldades em vender as suas conservas. No entanto o consumo interno aumentou muito e a sardinha na lata passou a ser valorizada, criando isto problemas às fábricas que passaram assim a ter mais um concorrente. Ao comprarem o peixe caro, o custo da fabricação tonava-se mais elevado, o que não lhes permitia competir com os preços praticados nos mercados estrangeiros, impedindo-os de vender a produção que confeccionavam. Esta situação teve como consequência o demorado escoamento do produto, o que criou muitos problemas aos fabricantes, passando estes por grandes dificuldades económicas.

Na década de 60 começou a ser notório a decadência deste setor em Olhão, verificando-se a diminuição da pesca assim como do número de fábricas, devido à escassez do peixe. A partir de 1961 as contrariedades para as fábricas são uma constante. Quando existia escassez de peixe, uma das suas consequências era o fecho temporário ou definitivo das fábricas, deixando muitos operários sem emprego e fazendo com que o comércio diminuísse, o que levava ao empobrecimento de grande parte da população e consequentemente da Vila em geral. Esta situação deficitária da pesca em conjunto com o aumento do consumo interno levou muitas fábricas à falência. A situação tornou-se de tal forma insustentável, que em 1970 o Governo iniciou negociações com os Grémios e os Sindicatos para se proceder ao encerramento de algumas unidades fabris, de modo a tentar reorganizar a indústria.

Estas medidas surtiram os seus efeitos e em 1998 existiam em Olhão apenas seis fábricas de conservas e poucas dezenas de operários. Atualmente estes números encontram-se reduzidos, mantendo-se em funcionamento somente três fábricas de conserva: a Conserveira do Sul, Lda., a Conservas FAROPEIXE e a Empresa Freitas Mar.